

Pequeno Tratado Satânico do Pecado

Lord Ahriman

ÍNDICE

I - Acertando o Alvo

8. O que é realmente pecado?
9. Pecado segundo o Cristianismo

II - Os Pecados Cristãos

10. Ganância
11. Orgulho
12. Inveja
13. Ira
14. Gula
15. Luxúria
16. Preguiça

III - Os Pecados Satânicos

17. Estupidez
18. Auto-ilusão
19. Abstinência
20. Compulsão
21. Egoatria
22. Altruísmo
23. Piedade
24. Mediocridade

I - Acertando o Alvo

O que é realmente pecado

Anton Lavey diz que "Satan representa todos os chamados pecados, pois eles dão gratificação física, mental e espiritual". É importante analisar a idéia de pecado. Segundo a maioria dos dicionários, pecado vem do latim peccatum, significando a transgressão a um preceito ou dogma religioso. Misticamente, pecado tem o sentido de errar o alvo. Que alvo é esse?

No satanismo este alvo é a realização do homem em todos os sentidos, não apenas no religioso, mas também no mundano. A chave para saber se algo é pecado ou não está na produção. Explico melhor: se

algo é produtor para o ser humano, por que descartá-lo? Se algo é estúpido ou contraproducente, por que não descartá-lo? Pecado, na verdade, é tudo que atenta contra a pessoa em si. Esta noção de pecado é importante, porque o que pode ser considerado pecado para mim, para o caro leitor pode não ser. A minha via é única, assim como a sua também é. Ambas não se cruzam.

Os pecados do Cristianismo, que tornam a pessoa digna do Inferno, na realidade foram criados com o único escopo de manipular, dominar e enfraquecer o ser humano, pois nem a própria Igreja Católica evitou de cometê-los nestes dois mil anos. Aliás, é impossível evitá-los, porque esta organização religiosa, falou em "pensamentos" também, ou seja, pelo simples ato de pensar você já os comete. Daí ser eternamente necessária a assistência de um padre, que vai sempre lhe indicar o caminho a seguir, sem que você possa definir a sua vida por si próprio.

Citando exemplos, a Igreja perseguiu os seus adversários durante todo este tempo (sucessão papal via assassinato do anterior, Santa Inquisição, Cruzadas, Código Canônico baseado em tortura e assassinato, a lista é longa...), cometendo coletivamente o pecado do ódio; a alta pompa da Igreja expressa o pecado do orgulho, da ostentação; o sexo praticado às escondidas em diversos conventos e confrarias expressa a luxúria; e assim por diante. Nada mais que dois pesos e duas medidas.

É de Nietzsche: "Enquanto o sacerdote, aquele negador, caluniador e envenenador profissional da vida, for aceito como uma variedade superior do homem, não poderá haver resposta à pergunta: O que é a verdade? A verdade já se encontra em sua cabeça quando o indiscutível agente da inanição é considerado seu representante."

Ouvi contar esta piada...

Satan andava meio cabisbaixo ultimamente. São Pedro, notando que algo estava diferente, o interpelou:

- Gostaria de saber por que você anda tão triste. O Inferno está lotado de almas, o mundo anda cheio de guerras e crimes, o que é realmente que lhe está aborrecendo?

- É que ando meio desocupado ultimamente. Agora quase não faço nada.

- Mas por quê? - perguntou o santo.

- É que os padres e pastores estão fazendo todo o meu serviço!

É o momento de questionar: Se um bandido asqueroso, com uma vida repugnante de crimes, arrepende-se no último momento, pelos padrões cristãos irá para o Paraíso. Se uma criança de nove anos comete um único pecado mortal e, em seguida, vem a falecer sem se arrepender, irá para o Inferno. Está certo este critério?

Mais uma piada...

Um sujeito extremamente avarento, que nunca fez nada por ninguém, vem a morrer e vai parar na porta de São Pedro. O santo consulta o livro da vida do sujeito e vai falar com o próprio Jesus:

- Olha, esse sujeito nunca fez nada por ninguém, mas consta aqui que há 50 anos atrás ele deu uma moeda de cinquenta centavos para um mendigo. O que eu faço?

- Jesus refletiu durante alguns minutos:

- Olha, devolve a ele a droga da moeda e manda para os quintos dos infernos!

Isto se chama vingança.

Os pecados cristãos tinham o escopo de privilegiar a classe religiosa e feudal, em detrimento da população. Os sete pecados são ganância, orgulho, inveja, ódio, gula, luxúria e preguiça.

Pecado segundo o Cristianismo

De acordo com o cristianismo, pecado é:

1. É transgredir a lei de Deus.
2. É toda injustiça.
3. É uma dívida para com Deus.
4. É não cumprir com os deveres cristãos
5. É não dar crédito a Cristo; não ter fé em Cristo.
6. É praticar coisas duvidosas.
7. É errar o alvo verdadeiro.

Se pecado é transgredir a lei de Deus, significa ter, o homem, vontade própria. Daí a mudança de fórmula, que, no aeon de Osíris, era “seja feita a vossa vontade”, e passou a ser “seja feita a minha vontade. Dado o caráter divino do ser humano, não mais precisa prestar reverência a um demiurgo fascista. É mais que óbvio que a lei de Deus foi instituída por patriarcas antigos com o seguro intento de monitorar o ser humano. Agora, isso acabou: a liberdade é a única lei.

Pecado, a ser toda injustiça, é de se perguntar o que a Bíblia entende por injustiça. Pelos dogmas cristãos, injustiça “é tudo aquilo que não é reto segundo o padrão divino”, que também foi, o referido padrão, instituído pelo clero com o mesmo propósito de dominação.

Pecado é uma dívida para com Deus? Que Deus? O mesmo Deus que se compraz em aceitar a escravidão, inferiorizar a mulher, reprimir os instintos básicos do ser humano e condená-lo ao Inferno por mera desobediência? Que Deus é esse que exige o sacrifício da naturalidade do homem em prol de desígnios misteriosos e obscuros? Que validade possui esse Deus?

Pecado é não cumprir os deveres cristãos, mas tais deveres foram criados pelo clero, que é quem realmente se nutre com a subserviência dos fiéis, dominando sua vida, seu tempo, seu dinheiro, sua paciência e seu martírio na estrita observância de imposições dolorosas e mesmo impossíveis de serem seguidas, o que nutre um sentimento de culpa que impede a vida de ser saboreada em sua plenitude.

Pecado é não dar crédito a Cristo; não ter fé em Cristo. Pelos cânones cristãos, tal seria um insulto a Deus que o envio, mas a própria história reluta em aceitar a existência de Jesus, eis que não há provas autênticas de sua passagem pelo planeta. Além disso, as provas apresentadas pela Igreja são altamente duvidosas, dada a manufatura das mesmas.

Pecado é praticar coisas duvidosas. É óbvio que duvidoso é tudo que for contrário ao que o clero prega. Assim, o amor-livre, por exemplo, passa a ser duvidoso, porque o crente não está sob a égide da sacralidade do casamento religioso. Fornicar deveria ser um dos maiores deleites do ser humano, no entanto virou pecado.

Pecado é errar o alvo verdadeiro. O sentido original do grego hamartia, errar o alvo, foi acrescentado o adjetivo verdadeiro para referir-se a Deus e sua Glória. Contudo, o real pecado é o homem atentar contra sua natureza, o que se tornou plenamente verdadeiro, agora sim, com o advento das religiões “divinas”, altamente negadoras do Si.

O texto em mãos diz, ainda, que ninguém é excluído do pecado, por causa da geração humana, daí seu caráter universal. Pela Bíblia, o próprio Deus afirma tal condição. Assim, esta noção nefasta amealha todos em sua teia; ninguém escapa.

As conseqüências do pecado são:

- 1) Traz aflição e inquietação ao pecador.
- 2) Afasta o homem de Deus.
- 3) Escraviza o homem.
- 4) Conduz à morte eterna.
- 5) Exclui o homem do céu - sua herança.

Em primeiro lugar, o pecado realmente traz aflição e inquietação ao crente, porque nele está embutido o sintoma da consciência pesada. Trata-se de um jogo sutil, levado em nível inconsciente, de forma a torná-lo imensamente angustiado e, desta forma, fazer o que a Igreja realmente deseja.

O pecado não afasta o homem de Deus, porque o Deus cristão é um cascão pernicioso, alimentado pelas larvas de inúmeros padres, freiras, bispos e pastores doentes, sem nenhuma paixão pela vida. Qualquer pecado cristão deveria ser cometido de forma produtora visando a retomada da alegria de viver.

O pecado não escraviza o homem. Os dogmas cristãos é que o fazem. Qualquer um que adote o cristianismo como religião passa a ser escravizado, perde a autonomia de sua vida e vira uma marionete nas mãos dos templos que pululam por aí. Trata-se, tal afirmação, de uma hipócrita inversão de valores.

O pecado conduz à morte eterna e exclui o homem do céu? Tanto um quanto outro são meros contos para amedrontar os incautos. A vida do homem já é eterna e sua real recompensa é livrar-se de todos os engodos religiosos.

Tratando da necessidade de um Salvador, são feitas as seguintes assertivas:

- 1) Você é pecador. Reconheça isso.
- 2) Sendo pecador, você está sob condenação.
- 3) Como você escapará da condenação?
- 4) Obras não podem salvar.
- 5) Só Jesus pode salvar.

Nota-se que o texto cristão enfatiza o fato de você ser pecador e já estar condenado. Incute na mente a necessidade de reconhecer o fato de ser pecador e ainda indaga como escapará de sua condenação. Diz, ainda, que obras não podem salvar, mas só Jesus. Este processo, nos cinco itens, nada mais é do que uma lavagem cerebral, dá para perceber o silogismo embutido nas premissas, de forma indelével?

De fato, os itens não deixam alternativa para uma segunda opção. Este é o problema do encadeamento lógico a serviço da fé cega. A pessoa não pode questionar “por que sou um pecador?” porque a Bíblia diz que é Deus quem assim afirma. Não pode indagar “por que já estou condenado?” pois a danação eterna tornou-se uma promessa “divina” para qualquer um rotulado como pecador. Afirma ainda que obras não podem salvar, pois é necessária a devoção irrestrita ao corpo religioso, que, sob a marca registrada de Jesus, tomou amplamente as rédeas em suas mãos.

Mais adiante, segue o seguinte trecho: “Muita gente não entende porque as Escrituras mencionam tanto os sacrifícios cruentos. Uns chegam a dizer que o evangelho é a “religião do matadouro”, mas o derramamento de sangue tão enfatizado na Bíblia para expiar o pecado, tão somente evidencia a hediondez deste e que seu salário é a morte. Os sacrifícios do AT eram imperfeitos e não poderiam expiar de vez o pecado, mas o Cordeiro de Deus - o Senhor Jesus Cristo - com Seu sacrifício no Calvário, resolveu para sempre o problema do pecado.”

Bem, se resolveu para sempre o problema do pecado, então é sinal de que se pode pecar à vontade. É de se perguntar porque sacrifícios de sangue seriam necessários para lavar uma pretensa desobediência a Deus (leia-se desobediência ao patriarcalismo). Na verdade, o AT é um antro de barbárie primitiva, sem sentido de espécie alguma.

Os pontos básicos relativos ao sangue:

- 1) Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados.
- 2) No AT, Deus deu o sangue de animais para fazer expiação pelas almas.
- 3) o Senhor Jesus deu o Seu sangue para a remissão de pecados.
- 4) É pelo sangue de Jesus que somos justificados diante de Deus.

É incrível que tais premissas atinjam as mentes de quaisquer pessoas esclarecidas, pois apontam a apologia do sacrifício animal e humano, este contido na figura mitológica de Jesus, para que os pretensos pecados sejam “justificados diante de Deus”. Ainda que fossem válidos os pecados apontados pelo cristianismo, somente o pecador deveria pagar por eles, e não terceiros que nada têm a ver com o erro

daquele. Termina o capítulo, citando a versão bíblica que “há muitas religiões e seitas que negam a eficácia do sangue de Jesus na redenção da humanidade”, o que serve para “demonizar” todas as outras doutrinas que perceberam a absurdidade de tais escritos, que só serviram para execrar o ser humano de todas as formas possíveis e buscam, corajosamente, caminhos mais adequados para a transformação qualitativa do bicho-homem.

II - Os Pecados Cristãos

Ganância

Ganância é o mesmo que ambição. Sem ambição, sem metas, a pessoa se torna um pastel. Nunca vai lutar para vencer. Simplesmente se acomoda na melhor posição que obtém e passa o resto da vida frustrada, mesmo sem saber. É dito que nem só de pão vive o homem, mas sem pão ninguém vive!

A existência de idéias como “dinheiro não traz felicidade”, “é mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”, “não podeis servir a Deus e às riquezas”, “não ajunteis para vós tesouros na terra”, “o amor ao dinheiro é raiz de todos os males” e muitas outras parvices serviram para criar toda uma perniciosidade em torno do desejo de riqueza. Se acumular dinheiro é pecado, então por que não doá-lo para a Santa Igreja?

Naturalmente, a Igreja nunca doou o seu patrimônio para ninguém. A existência de templos faraônicos demonstra toda a ganância. Alguém irá dizer Mas é necessário a existência de tais templos para provar a grandiosidade de Deus. Então eu pergunto: pelo raciocínio cristão, o dinheiro despendido na construção dos mesmos não estaria melhor servido ajudando aos miseráveis e deserdados da sorte? Não foi o suposto Jesus quem disse para distribuir a sua riqueza aos pobres e segui-lo? Além disso, ainda pelo raciocínio cristão, desde quando Deus precisaria ter um palácio para mostrar a sua grandeza?

George Bernard Shaw possui um pensamento acerca do assunto: “O dinheiro é a coisa mais importante do mundo. Representa saúde, liberdade, força, honra, generosidade e beleza tão visivelmente quanto a falta dele representa doença, fraqueza, desgraça, mesquinhez e feiúra.” Ainda que o caro leitor não considere o dinheiro tão importante assim, haja vista a existências de outros fatores de importância, como o sexo, não se pode olvidar que sua presença é extremamente bem-vinda. Cayena, duquesa de Alba, dona de mais de cinqüenta castelos, expressou a sua opinião sobre o dinheiro: “Todas essas conversam acerca do dinheiro me desgostam. Odeio o dinheiro. Nunca me preocupo com o dinheiro. De que serve o dinheiro, desde que se tenha o bastante para viver? Para que ter mais?” Portanto, todas estas conversas sobre a ganância não passam de monólogo plácido para bovino dormir. Observe que só os ricos defendem a virtude da pobreza. A duquesa era uma tremenda hipócrita! Vence realmente quem possui ambição!

O dinheiro é uma chave-mestra universal, abre praticamente todas as portas. Se alguém está doente, busca os melhores médicos e hospitais, porque possui condições de pagar o preço e, destarte, recuperação rápida para a saúde; se está enamorado de outra pessoa, a moeda permite inúmeros agrados, presentes etc.; se quer se divertir, viajar, usufruir de vários deleites, banca o preço sem problema algum; se quer conhecer, aprender, estudar, enfim, fazer várias atividades culturais, de novo o dinheiro supre. Segundo uma máxima libanesa, “quem tem dinheiro, mesmo no inferno pode tomar sorvete”.

Da mesma forma que o ar e a água servem universalmente para a sobrevivência, de forma natural, o dinheiro se tornou também um fator universal de sobrevivência, só que de modo artificial. Ninguém sobrevive sem dinheiro. Dinheiro permite comprar os artigos básicos de sobrevivência, como alimento, remédio, alugar uma moradia etc. Sem dinheiro, a pessoa vira um mendigo, um parasita, necessitando da eterna caridade alheia para não morrer. Observe que, na natureza, nenhum animal pede esmola a ninguém.

Há momentos em que o pecado da ganância realmente apresenta uma face nefasta, devido ao processo compulsivo do falso-emancipado. Num exemplo, um menino pobre vê o menino rico, comendo um pão com mel.

- Por que não me deixas provar teu pão com mel? perguntou o menino pobre.
- Deixarei se te fizeres de cão para mim.
- Aceito. Agora sou teu cão.

O menino rico tirou uma fatia de pão com mel e deu-a a morder ao companheiro. Depois, começou a conduzi-lo como um cão, de quatro pés, em meio a enormes gargalhadas dos transeuntes.

Neste caso, a ganância pelo pão levou o menino a obrar de forma estúpida e humilhante. No futuro, vender-se-á totalmente ao menor lance efetuado pelo seu ser, trairá sua família, seus amigos, qualquer um, pela satisfação do mais simples desejo. A lição é que, ao par da ganância ser necessária para vencer na vida, mister se faz que a pessoa tenha também auto-respeito.

Orgulho

O orgulho foi dito pecado pela igreja para que você não goste de si mesmo. O orgulho natural é o que chamamos de amor-próprio. Ele permeia toda a natureza. Quem renega a si mesmo, não chega muito longe. A auto-estima é sempre sadia. O orgulho compulsivo é a egolatria, que será analisada mais adiante. Ele nasce das suas frustrações. O amor-próprio é extremamente importante, pois, se você não ama sequer a si mesmo, não se respeita, como poderá amar e respeitar os demais? Ninguém gosta de um pavão se achando o rei da cocada preta, mas também ninguém gosta de pessoas com complexo de inferioridade. Qualquer forma de piedade, principalmente a autopiedade, é sempre perniciosa, eis que inferiorizante.

A criação deste pecado é óbvia. Quem tem amor-próprio nunca se sujeitaria ao servilismo imposto na época feudal. Não é à toa que os senhores tinham direito à prima noite, em que o nobre tinha o privilégio de passar a primeira noite com a mulher do servo. Que maior desmoralização do que esta?

O clero ao afirmar que todo ser humano já nasce pecador angariou a completa destruição do amor-próprio. Gostar de si mesmo sempre foi visto como pecado mortal do orgulho. O destino infernal aguardaria o pecador. É evidente que qualquer reação contra idéias religiosas era sempre rechaçada da seguinte maneira: Você é um pecador orgulhoso, quer ser superior a Deus? Quer saber mais que Deus? Comporte-se como um verdadeiro crente! Quem sempre ganhou com isso? De novo, o clero! É importante ressaltar que o clero, neste sentido, trabalha de forma oblíqua. É sempre Deus quem impõe suas normas, não o corpo religioso, que serviria apenas como intermediador. Assim, o crente não associa a manipulação à instituição religiosa, e sim a Deus. Ainda que se quisesse dar crédito a tal falácia, numa rápida vista de olhos em qualquer religião divina, é imediato que a cúpula do clero recebe os maiores poderes e mordomias, enquanto os fiéis apenas alimentam esse parasitismo, na vã esperança de uma vida confortável após a morte.

Portanto, cuide de si mesmo e não alimente essa corja, a não ser que prefira continuar sendo um dependente. Então, seja-o de forma consciente, sabendo que está sendo sugado e enganado. Digo mais: nenhuma religião deveria possuir tais direitos e privilégios sobre o ser humano.

Lembre-se, você é uma pessoa única, tenha orgulho disso. Cultive a sua auto-estima e liberdade de expressão, elas são suas, não deixe ninguém, nem nada, retirá-los de você. Nenhum dogma tem este direito.

Inveja

A inveja é o desejo de possuir o mesmo que o outro tem. Se você vê o seu vizinho chegar em casa com um carro novo, não há nada de errado em desejar o mesmo para si. Isto é perfeitamente natural. É a inveja que vai fazer você ir à luta para conseguir o que você quer. É melhor do que se transformar num mendigo ou num ladrão.

É óbvio que não interessava ao clero e aos senhores feudais que a pessoa quisesse os mesmos privilégios que eles tinham, daí este pecado foi oportunamente criado, de forma a manter o povo à míngua, sem poder reclamar, sob o temor constante do Inferno.

Aliás, essa idéia do Inferno foi a grande criação cristã, nunca houve lugar semelhante no paganismo e só depois de muitos séculos é que foi atenuada, com a criação também do Purgatório, como uma sala de espera do Céu. Inspirado, possivelmente, na lenda do Julgamento de Maat, em que se pesava o coração do morto numa balança e no outro prato a pena da deusa egípcia, que simboliza a justiça; se o coração pesasse mais que a pena, a alma era imediatamente devorada por um monstro.

Pela repressão à inveja é que surgem os ladrões. Nos noticiários de jornais são inúmeros os crimes de colarinho branco, ou seja, de pessoas que, naturalmente, já possuem uma situação financeira mais que privilegiada e, mesmo assim, corrompem a sociedade amealhando fortunas em proveito próprio. É óbvio que tais pessoas não necessitariam de mais dinheiro para uso pessoal, mas pelo simples fato de saber que alguém possui mais ainda prefere furtar, apropriar-se, do que ir à luta para conquistar um patamar financeiro superior ou idêntico ao de quem inveja. A ironia é que tais parasitas raramente são punidos. Servem-se de

expedientes judiciais, conhecimento nos canais burocráticos e políticos e, quando o clamor popular se torna grande o suficiente para levá-los a julgamento, simplesmente fogem do País.

Enquanto isto, veja a notícia da revista Isto É n. 1495, de 27.05.98, com o significativo título de Ladrão de Chupeta. Eis a reportagem: “Às cinco horas da tarde da última segunda-feira, 18, em um quartinho de pouco mais de três metros quadrados na Vila Quaquá, zona sul de São Paulo, Cláudia, um bebê de apenas dois meses de idade, berrava. Ela sugou as últimas gotas da mamadeira que seus pais, o desempregado Francisco Cláudio de Carmo, 29 anos, e a doméstica Elisângela da Costa Mota, 26, lhe prepararam. Sem um tostão no bolso, a família só teria mais leite em pó dali a alguns dias quando receberia uma cesta básica da igreja do bairro. Desesperado como o choro e os soluços compulsivos da menina, Francisco, desempregado há seis meses desde que a fábrica de salgadinhos em que era auxiliar de cozinha fechou, resolveu furtar um supermercado. ‘Vi que ela não gritava de dor nem com sono. Era fome mesmo.’ O desempregado com primeiro grau incompleto foi preso e autuado em flagrante por furto. O crime previsto no Artigo 155 do Código Penal é inafiançável e a pena é de um ano e quatro meses de reclusão. Não fosse a decisão rápida do juiz Júlio Caio Farto Falles que lhe concedeu liberdade provisória na quarta-feira por entender que o homem não tinha antecedentes criminais, não demonstrava periculosidade e tinha residência fixa, Francisco teria de esperar pelo menos três meses para seu caso ser julgado. Nos 20 minutos em que ficou no estabelecimento, levou uma cartela de chupeta, duas latas de leite em pó, quase um quilo de lingüiça fresca, salsicha de frango e apresuntado, num total de R\$19,89. ‘Só peguei o que precisava. Não fiquei com nenhum luxo’, argumenta.”

Portanto, quem toma milhões, bilhões de reais, está praticamente isento de pena, mas o pequeno ladrão é apenado severamente. Existe a desproporção justamente de forma inversa, quando o grande ladrão deveria ser eficazmente punido para dar o exemplo a todos, ainda porque possui meios de escamotear a justiça. O pequeno ladrão também deve ser punido, mas, no caso narrado, trata-se de um furto famélico, a pessoa sequer deveria ser presa, e, se não fosse o bom senso do juiz, poderia inclusive ser condenado à pena privativa de liberdade. Numa questão de sobrevivência a pessoa deve estar isenta de qualquer castigo, é natural que ninguém queira morrer de inanição, muito menos ver seu bebê à míngua. Por acaso o leitor leu Os Miseráveis, de Victor Hugo? Existe também várias versões em vídeo, vá a uma locadora e pegue a fita, é uma lição de miserabilidade.

A inveja, quando expressa naturalmente, permite ao ser batalhar em prol de inúmeras metas. Caso não existisse, o ser afundaria numa acomodação doentia, não buscaria um melhor padrão de vida. Pelo fato de a inveja ser considerada um mal, a pessoa observa alguém com situação privilegiada e nada faz, porque acha estar cometendo um pecado.

Dois exemplos: 1) Se há alguém mais inteligente, por que não estudar para adquirir sabedoria idêntica e mesmo superior? 2) Se há alguém mais rico, por que não trabalhar adequadamente para adquirir uma excelente situação econômica? Há alguns aspectos a serem levados em conta. Se eu invejo uma pessoa que é um pintor consagrado, mas não tenho aptidão alguma para pintura, há duas vias passíveis de serem trilhadas, ou luto até conseguir a aptidão necessária e lograr sucesso, ou simplesmente opto por uma outra arte, como a dança.

Ira

A ira é considerado o pior pecado cristão. A fórmula é "amai-vos uns aos outros". Contudo, é impossível amar a todo mundo. Quem ama todo mundo, não ama a ninguém, nem a si mesmo. O próprio relacionamento de um casal é baseado no amoródio, como bem afirma Rajneesh, e os atritos entre os casais também podem se tornar fator de maior união, ou desmanchar um relacionamento podre.

Se alguém lhe ataca, é normal que você se defenda e retribua a gentileza. Diz LaVey: Se um homem lhe atinge numa face, golpeie-o na outra! Afinal, é o seu instinto de autopreservação e direito de defesa que estão em jogos, é a sua própria integridade física. Não dê chance alguma ao agressor. Não existe nenhuma ilegalidade nisso, pois o Código Penal de qualquer país aceita o instituto da legítima defesa.

Quando alguém ataca o seu filho, você vai ensiná-lo a se manter passivo e, além disso, a virar a outra face? Só se você for mongolóide. O ódio e a vingança, apesar de serem nomes feios para os patéticos, são leis naturais. A própria natureza quando atacada, se vinga, já dizia Einstein. Se alguém joga uma bomba atômica no Paquistão, surge logo um terremoto no México, a vingança não é contra um país em particular, mas contra a humanidade em geral, que não tem o mínimo respeito pela grande mãe Terra. Se é o seu instinto de preservação que está em jogo, nada mais natural do que devolver o presente na mesma moeda, a não ser se a pessoa for covarde ou não tiver meios de se defender. Aceitar passivamente um ataque, virar a outra face, não passa de puro processo de desmoralização humana. Lembre-se de que a outra face é de

Lúcifer!

Por outro lado, se você está com raiva, sem uma razão aparente para tal, há três caminhos a seguir:

- Agredir insensatamente outra pessoa, que está com você por acaso. Este é o método estúpido.
- Reprimir a sua raiva, tornando-se uma porta para doenças psicossomáticas e para uma explosão inconseqüente contra quem não tem nada a ver com o seu problema. Este é o método usual, que rola por aí.
- Expressá-la de forma adequada. A raiva é uma tremenda energia de vontade, então por que não utilizá-la em algo produtivo? Este é o método inteligente.

A própria agressão, como um tapa no rosto, depende, às vezes, do enfoque na qual é empregada.

Exemplo: Estou viajando de carro com alguém, no meio de uma neblina cerrada, quando esta pessoa se apavora e tenta descer do carro em movimento. Instantaneamente, a esbofeteio para acalmar o seu ímpeto desastroso. O leitor concorda comigo que esta pessoa irá me agradecer depois?

Quem renega a si mesmo, não chega muito longe; se a energia está em você, seja ela de amor ou de ódio, lembre-se de que nada é inútil na natureza. Quantas vezes você venceu uma competição, porque estava repleto de raiva? Resolveu lhe dar o eufemismo de "garra", mas foi o ódio mesmo que o levou a vencer. Você usou o ódio de forma produtora, por isso logrou a vitória. Por que não usar o nome autêntico, se é tudo a mesma coisa? Eric Offer tinha razão quando disse que O ódio apaixonado pode dar significado e objetivo a uma vida vazia.

Na verdade, o ódio nem deveria ser considerado o inimigo do amor, pois o verdadeiro inimigo do amor é o ostracismo, a indiferença. No ódio, o ser adverso ainda continua em seu microcosmo, no ostracismo é completamente extirpado. O ostracismo é ódio seletivo e qualitativo, que bane totalmente o ente pernicioso da esfera do ser.

Gula

Em relação à gula, o corpo possui uma sabedoria própria, ele sabe o que e quanto necessita comer. Um amigo meu era diabético e adorava goiaba. Vivia com medo, porque este fruto é muito doce e poderia vir a lhe fazer mal. Quando consultou um médico chinês, acupunturista, este lhe informou que a goiaba era excelente para diabetes. Há inúmeros outros casos idênticos.

De qualquer modo, quem não gosta de um prato saboroso, ainda mais quando está com fome? Se a pessoa engorda um pouco além da conta, o amor-próprio tomará algumas medidas para que emagreça, como se alimentar mais qualitativamente. Aqui traço um parêntese: qualquer dieta forçada é péssima, pois, quando a pessoa abandoná-la, ficará pior do que antes. O melhor é selecionar os alimentos úteis, quando precisar e comê-los sem passar fome.

É de se perguntar porque comer demais foi transformado em pecado mortal. O intento era colocar um limite aos gastos alimentares com serviçais, a cargo dos nobres e padres. A história retratada nos museus, pelas pinturas, mostra uma quantidade enorme de nobres e padres obesos, bem alimentados, enquanto retrata o povo raquítico, passando fome. Houve até uma época em que as mulheres colocavam apetrechos na cintura para ficarem gordas, pois era o charme da ocasião. Uma das causas da Revolução Francesa foi exatamente esta: a situação extrema de fome e penúria do povo parisiense.

Sendo a fome um instinto natural por excelência, caso contrário ninguém sobreviveria, é de se perguntar: Se comer satisfatoriamente é pecado, então por que não respirar também? Simplesmente porque seria impossível a qualquer um passar a respirar menos, ninguém agüenta sequer prender a respiração por mais de alguns minutos. Estranho o fato de a sede não ter sido incluída no rol, talvez pelo fato de a água não causar muita despesa inicial, pelo menos na época não existia a CEDAE.

Curiosamente, beber vinho nunca foi considerado pecado, pode-se afirmar mesmo que há muitos padres alcoólatras. O Islamismo corrigiu isso, transformando-o num dos piores pecados sob a égide de Alah. Uma pessoa embriagada fica totalmente vulnerável. Muitos rapazes, quando vão a uma festa, incentivam as meninas a beberem em demasia, pois sabem que elas se tornarão mais acessíveis a conceder favores sexuais. Do mesmo modo, os padres sabiam que qualquer pessoa bêbada costuma falar demais e, inúmeras vezes, revelar o que não deve, o que poderia se tornar útil. De fato, não há nada demais em beber um vinho ou tomar uma cerveja, mas o que deve ser evitado é a compulsão que caracteriza a dependência, a ilucidez, o alcoolismo. Afinal, ninguém deveria ser dominado por algo material, sem vida.

Luxúria

Esta natureza linda e selvagem vista no sexo, querer compartilhar o seu corpo com alguém que você ama e merece a sua dádiva, foi transformada em pecado original; por via de consequência, todo mundo é pecador de nascença, precisa ser salvo, precisa da eterna assistência do clero.

Então, você faz sexo com alguém através do sentimento de culpa, devido ao pecado da luxúria, o que leva muitas pessoas a terem problemas de impotência, frigidez, ejaculação precoce, taras e outras anomalias, porque tornaram o sexo sujo, degradante, quando ele é a coisa mais bela da natureza. Todos os animais andam nus, só o bicho homem se esconde. A energia mágica mais poderosa é a sexual, esta energia dadora de vida. Através do homem e da mulher abre-se a possibilidade de um novo ser vir a este mundo.

O satanismo aceita todas as modalidades sexuais, inclusive o homossexualismo, o sadomasoquismo e o fetichismo, desde que sempre seja respeitada a órbita do seu parceiro. Entre quatro paredes, queira ou não, é onde a sua grande natureza animal realmente se torna livre. Deixe-a, então, fluir, com o parceiro adequado, que aceite e compartilhe as suas preferências, sejam elas de que forma for. Havendo discernimento e respeito mútuo, não há por que impor limites.

A explicação óbvia da castidade como imposição religiosa ao clero assenta-se no patrimônio da Santa Sé, de forma a não haver transferência de bens aos seus herdeiros. A castidade como modelo espiritual, ao impedir a expressão do ser, tornou-se fonte de agonia para inúmeros padres e freiras, muitos deles partindo para as torturas sexuais da Santa Inquisição, bem como o homossexualismo acobertado entre as paredes de mosteiros e conventos, bem como ao concubinato às ocultas, era sempre possível descobrir um padre vivendo com uma das ovelhas de seu rebanho, bem como uma eventual escapulida a uma casa de prostituição. São também inúmeras as denúncias de atentado violento ao pudor a menores de idade, confiados à guarda dos padres. A própria descoberta da camisinha originou-se na Idade Média, pelo clero, e usada com proficiência, sem que a massa tivesse acesso à mesma.

A castidade não é exclusiva do cristianismo, outras religiões como o budismo também a adotam, e as mazelas são as mesmas. Faço um parêntese aqui: a retenção do sêmen num relacionamento também é uma forma de castidade, pois impede ao parceiro a bênção dos fluidos do outro. A ejaculação não possui apenas função procriadora, mas, misticamente, uma função mágica, do orgasmo, e, sexualmente, pelo fato de a pessoa ser banhada, o que se traduz em extremo deleite.

Obviamente, a Reforma Protestante mudou parcialmente o quadro, permitindo que pastores se casassem, mesmo porque a Bíblia em nada impede o casamento dos sacerdotes. Os patriarcas antigos tinham mulheres, muitas vezes mais que uma, e não havia razão plausível para o celibato forçado. Afinal, a fórmula não era crescei e multiplicai-vos? Entrementes, o ranço continuou, pois o amor deveria ser totalmente livre, e o casamento ainda era e é imposto entre os evangélicos, afim de que o sexo possa ser praticado. Namorar um (a) crente passa ser tortura, pois o tesão não segue nenhum dogma religioso. É uma necessidade imperiosa de comungar entre dois seres que, não suprida, leva a diversos problemas, sendo o principal a completa frustração em nível físico, mental, emocional, energético e amoroso.

Pelo fato de o satanista aceitar o sexo em sua plenitude, comunga de forma livre e amorosa com o parceiro, sem quaisquer bloqueios antinaturais, dogmáticos, pútridos e repressivos, sem nenhuma consequência funesta. A livre expressão do ser permite uma comunhão profunda, transpessoal e de vivência de alta gnose. A luxúria é cultivada para dar o ápice de prazer, sem qualquer senso de culpa.

O satanista saboreia a maçã com imenso prazer!

Preguiça

A preguiça teve, possivelmente, um dos motivos mais torpes de todos para virar pecado. Desde épocas antigas até o final do Revolução Industrial, o trabalho sempre foi excessivo e mal remunerado. As classes privilegiadas sempre foram preguiçosas, pouco ou nada trabalhavam, enquanto grande parte da população era extremamente explorada. Quem assistiu ao filme Metrópoles, de Fritz Lang, sabe do que se trata.

Por conseguinte, as pessoas sempre foram encorajadas ao trabalho, sob o terror das chamas eternas, enquanto os seus patrões ficavam cada vez mais ricos. A má remuneração sempre foi uma constante, aqui mesmo no Brasil, haja vista que o salário-mínimo, atualmente em R\$240,00 sequer dá para uma alimentação razoável. Se uma pessoa paga R\$5,00 por uma refeição, alimentando-se duas vezes por dia

(almoço e jantar) gastará R\$300,00 em trinta dias. Observe que sequer mencionei educação, moradia, lazer e outros direitos básicos. Há um dito que quem trabalha não possui tempo para ganhar dinheiro. Deve ser verdade, porque, com honrosas exceções, quem mais trabalha é justamente quem menos ganha.

Fisicamente, a preguiça é sintoma de que o corpo ainda precisa de descanso. Há pessoas que se satisfazem com poucas horas de sono, outras com um maior número de horas. Normalmente, o corpo sabe do que precisa e não precisa da interferência de um dogma para impô-lo. Por outro lado, se alguém realmente não gosta de trabalho e possui meios alternativos para se manter, sem sugar ninguém, é problema exclusivo dele.

Além disso, o trabalho deveria ser gratificante como um hobby - raras vezes é. Se a pessoa laborasse conforme sua disponibilidade e conveniência, fazendo o que realmente lhe apraz, haveria um salto qualitativo no próprio seio social. Ninguém gosta de ficar sem fazer nada, o trabalho é uma lei natural, como a preguiça também é.

Infelizmente, todos ficam subjugados à ditadura do relógio, com parcos salários de fome, fazendo o que normalmente detesta. Passar seis ou oito horas num emprego detestável significar transformar um terço da vida diária num verdadeiro inferno. Quando o patrão dá uma bronca no empregado, ele costuma se sujeitar à mesma, ainda quando isento de culpa, sob pena de perder o emprego, e, quando chega em casa, irritadiço, desconta na própria família. Tal processo é vil, infame, degradante, servil, fruto deste sistema podre que nunca leva em consideração o indivíduo, transformando-o num servo à disposição do poder econômico.

A idéia da criação de Recursos Humanos em Administração melhoraria a qualidade de trabalho, tornando-o mais aprazível, valorizando o empregado. Todavia, na maioria das vezes, serve tão-somente como uma forma mais refinada de controle, de forma a aumentar a produção. Algumas empresas americanas, como as cadeias de sanduíches impõem o "sorriso permanente" como forma de trabalho, o que é totalmente antinatural. Se alguém está aborrecido e é forçado a sorrir está sendo completamente falso, sua natureza é violentada e degradada, sob pena de perder o emprego.

As férias servem como um escape à terrível rotina do trabalho, quando é possível permanecer alguns dias prazerosamente, sem pensar nas inúmeras tarefas que assolam o cotidiano. Os fins-de-semana também servem à mesma função, bem como o restante do dia. O ideal é que sempre, mesmo no trabalho, a vida fosse uma celebração, uma festa. É plenamente possível tornar o trabalho algo saboroso, mas tal depende da própria pessoa, evitando empregos que o tornem meramente mais um mecanismo na máquina empresarial, e sim um fator criativo, que lhe permita expressar de modo pleno e receber um salário digno.

Quanto à preguiça? É extremamente salutar e benfazejo o ato de simplesmente não fazer nada, dedicar o tempo a Si, que é a pessoa mais importante deste mundo. Há momentos em que é necessária uma maior comunhão consigo mesmo. Até o ato de meditar é fruto da preguiça. Quando os monges budistas passearam pelo bosque, sem nenhuma preocupação na cabeça, sem nada fazer, descansaram à sombra de uma árvore e criaram a meditação; quando observaram animais em luta, criaram as técnicas marciais, como o Shaolim. Às vezes, destes momentos, surgem idéias riquíssimas que permitem uma transformação do ser.

III - Os Pecados Satânicos

Estupidez

LaVey está totalmente correto quando diz que a estupidez é o pecado principal do Satanismo, mas completamente enganado ao achar que a estupidez é tão ruim que não é dolorosa. Justamente por ser o pior mal da humanidade, também é o mais doloroso possível. Embora o estúpido sempre prejudique a si mesmo, muitas vezes ele arrasta todos ao seu redor. É difícil que a única vítima da estupidez seja o próprio estúpido.

Alguns exemplos: 1) Um motorista viaja de carro à noite. Começa a se sentir altamente sonolento e, em vez de pernoitar num hotel, resolve prosseguir em frente, achando que vai vencer o sono. Resultado: um acidente. É óbvio que o imbecil já se prejudicou; falta saber se, na batida, envolveu ou não um outro automóvel, com danos à integridade física e à vida de terceiros que estavam ali por mera eventualidade. 2) Um empresário, que leva uma vida sedentária, resolve um dia fazer exercícios na praia, sem antes consultar um médico. Ocorre um princípio de enfarte. Apesar de o estúpido ser o maior prejudicado, vai causar

sofrimento e dar trabalho à sua família, além de deixar os seus sócios desfalcados da sua participação no mercado durante um longo tempo. 3) Um rapaz se diverte numa casa noturna. Bebendo além da conta, resolve passar uma cantada numa mulher que está acompanhada. O resultado é um quebra-quebra, com prejuízos para o dono do local, pessoas feridas indo se medicar no hospital e a polícia prendendo os participantes da rixa. 4) O dono de uma fábrica despejo lixo químico num rio. Além de prejudicar toda uma coletividade, ainda terá de arcar com multas pesadas e reparar o dano.

Uma piada.

Manuel entrou para uma famosa quadrilha de traficantes e teve, como primeira missão, comprar cocaína na Bolívia. Embarcou no maior segredo e seguiu para lá. Uma semana depois estava de volta, sendo esperado no aeroporto pelo bando inteiro.

- Cumé, meu cumpadre, trouxe a coca?
- Bain, coca não tinha, trouxe pepsi!

Como se nota, na maioria das vezes a estupidez gera uma reação em cadeia. É que a estupidez assemelha-se a um estopim capaz de gerar uma explosão. Mesmo nas pequenas imbecilidades, há sempre o risco de envolver mais alguém. Alguém esquece uma torneira aberta e o parente, quando chega, vê-se obrigado a enxugar imediatamente o piso do banheiro, além do aumento na tarifa do serviço.

Outra piada.

Janjão Complicação apareceu e lhe deram uma linha para enfiar na agulha. Colocou as luvas de boxe e ficou ali o dia inteiro tentando. Chegou a hora do jantar, pegou o garfo para tomar a sopa e a faca para comer o arroz.

Aí perguntaram a ele:

- Janjão, como você faz para transar?
- Ora, em pé, na rede, como todo mundo...

Como evitar a estupidez? Confesso que é difícil, pois o portador da estupidez parece ser um predestinado, em maior ou menor grau, conforme a sua natureza. J. C. F. Schiller afirma que contra a estupidez os próprios deuses lutam em vão. O melhor caminho, contudo, é aprender pela experiência dos outros. Há um pensamento que diz "O tolo aprende à sua própria custa; o avisado, à custa do tolo". É verdade que, em alguns momentos, todos cometemos atos estúpidos, ninguém foge disso. Não obstante, o sensato não os comete de novo. Sempre busca evitar a estupidez.

Aqui é importante traçar alguns adendos. A estupidez às vezes é relacionada com a burrice ou a ignorância, dada a sua amplitude de atuação. Quanto aos demais pecados satânicos, os mesmos não passam de alguma forma de estupidez. A divisão em oito leva em conta o aspecto taxionômico, didático, para melhor abordagem.

Auto-ilusão

O filme Matrix é uma metáfora acerca da ilusão. Vejamos o seguinte diálogo entre os dois protagonistas, a seguir:

Morfeu: "Matrix é o mundo colocado aos seus olhos para que não veja a verdade."

Neo: "Que verdade?"

Morfeu: "Que você é um escravo."

Neste filme, o sistema mundial é controlado pela inteligência artificial e os seres humanos vivem como vegetais, sonhando o tempo todo e dando a sua energia para as máquinas. Isto é uma metáfora do que realmente acontece.

- A elite dominante controla todas as pessoas, fazendo com que se tornem cegas a todo o ranço sócio-religioso que anda por aí.
- O mundo é chamado Maya (ilusão), porque todos desconhecem a sua real natureza, a sua origem.

Este pecado satânico é o mais presente na vida de todos. Daí a célebre frase de Sócrates: Conhece-te a ti mesmo! Um primeiro passo é realmente se estudar, buscar se conhecer a fundo; não obstante, como já foi dito, todos querem conhecer o seu lado melhor, mas nunca por completo, pois isso implica também em conhecer o seu lado pior. A razão é que isto fere o ego. É necessário enfatizar que um suposto defeito ou fraqueza, quando passa a ser conhecido, deixa de ser um aspecto pernicioso e pode inclusive se tornar aliado, caso não desapareça espontaneamente.

Depois, é necessário conhecer todas as artimanhas sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas, afim de se lidar com o sistema e não se tornar escravo dele. Todavia, isto não basta. Se dogmas religiosos ou imposições sociais já entronizaram na psique do indivíduo, primeiro ele precisa se desfazer dessas raízes nocivas. Idéias como "amar a todos", "igualdade, liberdade e fraternidade" e tantas outras são máscaras hipócritas que fazem de você um cordeiro nesse imenso rebanho.

Enquanto você aceita, por exemplo, esta falácia dos "direitos humanos", os políticos fazem o que querem para si e os seus protegidos, o clero se enriquece à custa dos donativos dos pobres, os aposentados mingam na fila de espera para receber uma aposentadoria de fome, os bandidos mais sanguinários recebem penas brandas enquanto as vítimas e suas famílias são desmoralizadas e... fica tudo por isso mesmo!

De qualquer modo, para a pessoa mais desperta, é possível enxergar que o sistema também possui suas falhas, afinal, se é corrompido, em algum lugar há um ponto frágil na corda. O segredo é: Combata o sistema fora das suas regras, mas sempre dentro da lei. Trocando em miúdos: Seja criativo! Ataque o sistema com inteligência, para que tudo corra dentro da lei, mas aja de forma diferente, não-usual, para que não sofra as conseqüências. Passe sempre despercebido. Neste ponto, aconselho-o a ler bons livros de estratégias. Realmente se tornam de muita utilidade.

Em relação ao aspecto de Maya, a situação torna-se mais difícil, pois isto implica num compromisso sério com o estado transpessoal. Na realidade, trata-se da grande obra do mago, ou seja, a aquisição do estado de consciência cósmica. Eu busco ver tudo a todo momento como uma ilusão. Quem sabe se cada vez mais a percepção do estado ilusório de tudo um dia não permita, realmente, um despertar?

Termino aqui colocando um texto de Abdel-Rahman As-Safuri, contra a submissão religiosa.

Num dos livros de Alá, Moisés disse a Ibliss :

- Por que não te curvaste diante de Adão?
- Porque não quis ser como tu: eu pretendia amá-Lo, e não quis me curvar diante de um outro. Preferi o castigo. Tu, tu pretendias amá-Lo. Ele te disse: "Olha a montanha", e olhaste a montanha. Era preciso fechar os olhos: tu O terias visto.

Este texto traz uma importante mensagem, escrita de outra forma. Quem se curva diante de outro ser, humano ou metafísico, põe-se numa posição inferior. Para amar outro ser, é necessário que ambos estejam no mesmo plano de igualdade, caso contrário a fluíção do amor nunca pode ser completa, eis que eivada pela submissão e não pela naturalidade, espontaneidade. Contudo, o deus mosaico da Bíblia é tremendamente opressor, enfatiza-se o inferno para que possa ser temido. O autor conclui, então, que:

UM DEUS QUE PRECISA SER TEMIDO, NÃO MERECE SER AMADO!

Abstinência

Abstinência significa impor limites a si próprio. É óbvio que a grande maioria desses limites foram impostos desde a infância pela família, escola, religião e outras instituições sociais. Alguns limites são necessários para a sobrevivência, mas não é o caso da grande maioria, que só serve para negar o fluxo natural da expressão humana.

Mostrou-se que até a idade de oito anos ouvimos mais de 100000 vezes a palavra "não". Na verdade, esta é a palavra mais falada no mundo, seja qual for o idioma, seja qual for a época. Significa que a repressão está sempre presente na vida das pessoas. A Psicologia explica que a repressão é o "dinamismo" que mais comumente usamos para acomodar a oposição entre nossas tendências naturais e nossa moral, que as julga más e socialmente indesejáveis.

Essa moral é moldada através dos anos. Desde criança, são impostas inúmeras normas, sob pena de castigo. A pessoa passa a se reprimir o tempo inteiro e, com isso, nega-se a si mesmo e, pior do que isso, passa a não gostar de si mesma. É possível você gostar de si mesmo, se se olha com tantos defeitos assim?

Ora, você simplesmente é o que é. Uma qualidade pode ser defeito e um defeito pode ser qualidade. Tudo é relativo. Como visto anteriormente, a chave é sempre a produção. Se algo trabalha para você, chame-a virtude, mesmo que aparentemente seja um defeito. Se algo não trabalha para você, descarte-o ou transforme-o, faça-o trabalhar para você de algum modo. Do cacto no deserto é que se tira a água para beber.

Quando o pai impede que um irmão agrida o outro futilmente, ao invés de castigá-lo, deveria explicar à criança que é perfeitamente normal sentir raiva de vez em quando, mas que uma agressão gratuita só trará problemas para todos. O melhor é canalizar esta raiva para algo mais produtivo, como um bom exercício. Não é o que acontece, o pai dá uma surra no filho ou o põe de castigo e, com isso, cria a revolta ao longo dos anos. Além disso, a família usa também a religião como método de lavagem cerebral e controle.

A estrada continua com a escola, o serviço militar, o emprego, o casamento etc. Em todos os momentos o ser humano é reprimido, precisa usar as máscaras da personalidade para interagir socialmente e perde por completo a sua própria identidade. Seria muito mais fácil a pessoa ser ela mesma, mas sempre há uma parte que precisa esconder, sob risco de reprovação geral. Vou citar alguns exemplos.

1) A esposa gosta de saber que o marido é carinhoso com ela, mas não tolera que ele dê uma olhada para outra mulher na rua. Ora, apreciar o encanto de uma outra pessoa não é nada demais, mas, quando o homem é repreendido, ele se sente como um escravo que sequer possui o direito de olhar para o lado. 2) O pai gosta de saber que o filho tira notas altas, mas não aceita que a criança fique brincando e esqueça a hora da refeição. Acontece que a felicidade que ela sente é um alimento tão necessário quanto a própria comida. 3) O patrão gosta de saber que o seu funcionário é produtivo, mas não perdona pequenos atrasos. Acha que a empresa é uma caserna, quando deveria ser a segunda família de todos que trabalham ali. Muitas vezes, a pessoa passa mais tempo lá do que na sua própria residência, então não há motivo para transformar o lugar num inferno.

É claro que é necessário chamar a atenção da outra pessoa em alguns momentos, senão a esfera de terceiros é ameaçada ou invadida: 1) Se o marido daquela mulher possui tendência a ser um Don Juan, ela pode muito bem lhe chamar a atenção, se não aceita este tipo de liberalidade. Daí ou os dois chegam a um acordo, ou consuma-se a separação. 2) Se o pai vê que a criança fica brincando até tarde e, no dia seguinte, começa a chegar atrasada à escola, é necessário fazê-la ver que isso precisa ser remediado, inclusive com o risco de ser privada provisoriamente dos brinquedos. A criança precisa aprender que, na vida física, há sempre um escalonamento de valores. 3) Se os atrasos constantes daquele funcionário causam transtornos à empresa, é necessário que ele saiba que possui todo o direito de optar por um emprego mais condizente com a flexibilidade de horário. Uma boa conversa geralmente ajuda, pois o relacionamento é sempre uma via de mão dupla; se for transformada numa de mão única, corre-se o risco de cair numa espécie de vampirismo psíquico.

Enfim, a grande lei é fazer o que tu queres... Não há razão nenhuma para que a pessoa se sinta reprimida. O marido pode optar por uma vida amorosa e sexual mais livre, como o funcionário pode escolher um emprego com base no horário flexível e a criança pode optar por brincar durante o dia, depois da orientação paterna. No fundo, torna-se uma questão de opção e escolha. Evita-se a repressão e encaminha-se à direção adequada.

Por outro lado, o próprio ser humano precisa se impor alguns limites. Se alguém lhe ofende, você vai puxar um revólver e dar um tiro no sujeito? É claro que não. Você pode retribuir de forma mais inteligente. Um idiota referiu-se ao enorme tamanho das orelhas de Lichtenberg, cientista alemão, afirmando de melindrá-lo. Este replicou: "Verdade! Com minhas orelhas e o seu miolo, faríamos um esplêndido burro. Não acha?" O ego é um mecanismo de defesa que impõe os limites necessários à sobrevivência de cada um. Infelizmente, isso implica que o ser humano deva se limitar, em alguns momentos. Contudo, enfatizo aqui que o limite deve ser imposto pela consciência e responsabilidade de cada um, e não por terceiros.

Compulsão

No dicionário de Laudelino Freire, compulsão é o ato de compelir; compelir significa obrigar, constranger, forçar, empurrar, impelir. Compulsão é um comportamento fruto de uma coação inconsciente. Segundo a Psicanálise, trata-se de um impulso irresistível de executar um ato contrário ao desejo de quem o executa, ou, ainda, um ato formalista que o obsessivo executa para aliviar a angústia. É de se perguntar: o que realmente está coagindo a pessoa a realizar intensivamente determinado ato, que se revela, na maioria das vezes, extremamente penoso a si mesmo?

Bem, a compulsão é filha da repressão. Quando algo é reprimido a ponto de o desejo ser intensificado de forma exacerbada, nasce a compulsão. É sabido que o fruto proibido é sempre o mais doce. Freud afirma que a compulsão está associada ao princípio do prazer. A realidade é que o prazer vem da satisfação cíclica deste síndrome, como forma a perpetuar um problema inconsciente não resolvido, deixado em aberto. LaVey ensina que "O dogma do Satanismo é indulgência ao invés de abstinência... MAS - não é compulsão." A razão é que indulgência se baseia na livre escolha, e a compulsão na falta de escolha.

Naturalmente, o compulsivo nunca se lembra do protótipo, pois sempre atribui à atualidade a situação perniciosa em que está envolvido. No fundo, bem lá no fundo, há um desejo recalcado e sua solução periódica, de forma a resolver provisoriamente o conflito. A abstinência gera imenso desconforto físico, uma emoção intensa e pensamentos conflitantes, o que mina a tentativa de sair do círculo vicioso.

As características são a repetição, a ausência de controle, a intensificação ao extremo, a coação inconsciente e a inter-relação entre a situação penosa e o prazer da satisfação momentânea. A repetição, mesmo não sendo comum, pode se dar até anualmente. Há pessoas que bebem apenas uma vez por ano, mas, quando o fazem, perdem totalmente o controle. Há ausência de controle, porque é o inconsciente quem assume as rédeas. A intensificação ao extremo decorre do fato de, uma vez iniciado o comportamento, este ir até o extremo, como os bêbados que caem pela calçada. A coação inconsciente resume-se numa espécie de obrigação, sem cujo cumprimento o compulsivo não terá sossego algum. Por fim, a relação entre a situação penosa e o prazer da satisfação momentânea é que permite a continuidade do processo. De tempo em tempo, retorna a situação penosa, a qual só finda através do ato idiota, que dará uma satisfação provisória e, em seguida, o sentimento de culpa.

Alguns psicanalistas apontam a tendência repetitiva do id aliada a tendência conservativa do ego. Na realidade, a compulsão é energeticamente carregada pelo inconsciente. Não é nada fácil sair desta escravidão. A pessoa pode ter o vício de fumar, de beber, de tomar drogas, de comer demais, de jogar ou simplesmente de roer as unhas. Vício é o que você vê; compulsão, o que você não vê.

Quando você fuma demais, por exemplo, todos dizem que você possui o vício de fumar, isto é como a situação se apresenta, é a aparência externa. Internamente, deixa de ser vício para se tornar compulsão, que é o constranger interno. O que ocorre quando você tenta largar o vício? Inicialmente, a idéia de abandoná-lo surge da necessidade premente de melhorar sua qualidade de vida. Não obstante, o corpo logo apresenta os sintomas da síndrome de abstinência, trazendo um verdadeiro martírio. A emoção apresenta-lhe algumas situações positivas e negativas mais intensas, como "uma briga repentina com a (o) namorada (o)", "um dinheiro alto que acabou de entrar" e estes fatos incrementam a sua vontade de fumar. A mente apresenta propostas alternativas, de quando em quando, de forma a pacificar a situação, de modo a que você volte ao vício sem se sentir um derrotado: "fume só unzinho, na próxima tentativa você pára"; "essa alegria merece uma comemoração", "este problema é sério, vale um desabafo" etc. É importante notar que o cigarro é apenas matéria. O lógico seria a pessoa dominá-lo, e não ser dominado por ele. Uma pessoa escravizada por algo "sem vida" deveria ser encarado como o pior tipo de escravidão existente, contudo não é assim.

O problema é que o ego se rebela contra qualquer situação nova, para a qual tenha de mudar. O ego defenderá o seu território de todas as maneiras possíveis. Como a pessoa irá lutar contra a imperiosidade do corpo, da mente e da emoção. Parece coisa de três contra um. Haverá infiltração pelos pontos fracos, e você torna a cair.

Voltemos um pouco no tempo. Quando você começa um vício por curtição, surge uma primeira fase saborosa, em que tudo justifica a sua repetição. Fumando, você se sente mais dono de si, conquista aquela (e) gata (o) legal, conversa com pessoas como um verdadeiro adulto, resolve situações de tensão etc. Assemelha-se a um remédio para problemas emocionais e, é importante frisar agora, qualquer vício (não apenas o tabagismo) é apoiado numa forte dependência emocional, como fruto de alguma situação não resolvida, que lhe torna extremamente dependente.

Como pessoa racional, você sabe que o fumo causa câncer, enfizema e outras doenças mortais. Afasta não fumantes da sua presença, relacionando-o como uma pessoa fraca, dependente, doente e porca, já que você deixa os vestígios da sua presença por onde passa, como as cinzas de cigarro não só no cinzeiro, mas pelo chão, nas blusas queimadas, nas unhas e dentes encardidos, no mau hálito, nos ambientes empestados de mau odor etc. Sim, você sabe tudo isto, mas não consegue largar o vício, por quê?

Simplesmente, porque largar qualquer vício simplesmente significa abandonar uma situação mais ou menos cômoda para aceitar um martírio por alguns dias ou meses, dependendo da personalidade da pessoa. Muitas vezes, a pessoa volta a fumar após alguns anos de abstinência, o que significa que nunca deixou de fumar verdadeiramente, apenas fez um jejum prolongado.

O medo da doença ou da morte torna-se abstrato, porque não é uma situação que se apresente totalmente no momento. Há relatos de pessoas que tem um, dois, três enfartos e, ainda assim, mantêm o vício. Tudo se projeta no futuro, a não ser quando a pessoa se apavora realmente e vê que não tem saída alguma, tem de tomar a decisão definitivamente.

Por outro lado, a repressão ou restrição é a pior saída. Na maioria das vezes, foi justamente assim que você começou a fumar ou a beber. Se a pessoa encarasse o fumo como um alimento qualquer, como o arroz, não seria dada tanta importância a ele. Afinal, eliminar apenas um tipo de alimento é fácil para qualquer um. E o fumo não deixa de ser um alimento, um alimento nocivo, mas um alimento. Já imaginou você comendo lingüiça inúmeras vezes por dia, durante anos a fio? É o que você faz com o cigarro, que não passa de uma lingüiça pequena, que expele fumaça.

Ocorre que o álcool e o fumo são vinculados a grandes atos esportivos, decisões inteligentes e conquistas do sexo oposto através dos canais publicitários, levando o parvo inconscientemente a crer que o modelo adapta-se a ele. Enquanto isto, os grandes industriais enriquecem-se à custa da estupidez. Intimamente dão enormes risadas com isto, pois sabem perfeitamente a situação ridícula e infame na qual está envolvida uma massa de escravos.

É possível a mudança de modelo. Encare a compulsão como um alimento físico e/ou psíquico e saiba que é perfeitamente possível substituir um alimento por outro de melhor qualidade. Saiba também que a síndrome de abstinência é passível de ser enfocada como um processo purgatório, em que, pouco a pouco, a pessoa vai cortando os liames antigos e substituindo-os por novos. Em momentos críticos, uma boa caminhada sempre resolve. Não tente resolver em nível de psique, ponha a dor em nível físico e relacione-o com os efeitos de uma gripe, por exemplo. Aos poucos, passe para um alimento mais salutar, como a prática de um esporte.

Discorri principalmente acerca do tabagismo e alcoolismo, mas todos os outros tipos de compulsão seguem a mesma regra, que resumo:

- É necessária a mudança do modelo
- É importante a aceitação da dor, como forma de purgação
- E, principalmente, é imprescindível amar a si mesmo

Egolatria

O Satanismo propugna pela auto-afirmação do ser humano, afinal ele é o seu próprio deus. Contudo, deveria ser um processo natural, raramente é.

Nos tempos antigos, a religião era panteísta por causa da ignorância e medo do ser humano acerca de inúmeros fenômenos, bem como a necessidade de rogar por coisas benfazejas. Assim, o trovão, a lua, o sol, a colheita, a morte, todos tinham (ou eram) os seus deuses.

Numa segunda evolução, o homem percebeu que a maioria dos fenômenos possuíam uma explicação científica ou filosófica. Não havia necessidade de haver inúmeros deuses. Bastava um único deus ou, no máximo, uma trindade, correspondendo aos aspectos principais da existência, como criador, conservador e transformador.

No novo aeon, o homem começa a perceber que, se existe um deus fora de si, porque não pode haver um dentro também? Afinal, deus não está em toda parte? Não seria o homem o seu próprio deus? Não teria ele sempre criado os deuses externos à sua própria imagem e semelhança?

Essa possibilidade agora existe, pois, pela primeira vez, ele aceita e trabalha seu lado “negro”, a parte de que não gosta, que reprime e, desta forma, também o sufoca; destarte, o primeiro passo para a integração da sua natureza interna começa a ser dado. Ele passa a se respeitar e considerar que não há porque ser submisso, nem se sujeitar a doutrinas ultrapassadas, que, em nada, acrescentam.

Entrementes, quando o homem percebe a sua própria potencialidade, também surge um outro problema. Se ele é um deus, então é superior a tudo e a todos. Só ele importa! O resto não passa de reles mortais!

Na verdade, o novo aeon caminha para o “euteísmo”, “o homem é o seu próprio deus”. A compreensão equilibrada disto o leva a encarar os outros como estrelas iguais a ele. A consequência é que passa a ter uma auto-afirmação sadia, consciente, natural, sem necessidade de se ostentar de forma contraproducente. O seu brilho aparece por si mesmo, de forma espontânea!

Malgrado a humanidade caminhe em passos largos para o euteísmo, neste primeiro momento é a egolatria que aparece, a necessidade de auto-afirmação exagerada, como aconteceu com o Movimento Feminista também em sua primeira fase, para, depois, entrar numa fase de equilíbrio.

O Novo dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, apresenta as seguintes definições de Egotismo ou Egoíatria: 1) Sentimento excessivo da própria personalidade; 2) Tendência a monopolizar a atenção, mostrando desconsideração pelas opiniões alheias.

Como se manifesta o indivíduo ególatra? Bem, citemos alguns exemplos: 1) É o motorista que não dá passagem aos outros, pois acha que a rua é sua, que ele tem prioridade sobre os demais sempre! 2) É o aluno que faz toda sorte de perguntas aos professores, para aparecer perante a turma, e não descarta sequer a possibilidade da perda de tempo precioso, nos estudos, provocando debates inúteis, que não levam a nada! 3) É o cidadão que vê a manutenção de uma rede telefônica, passa pelo funcionário e o ofende, apenas para demonstrar superioridade perante problemas que não pode resolver! 4) É a moça que se veste como uma “femme fatale”, com o único objetivo de provocar os olhares cobiçosos dos homens! 5) É o senhor que, apesar de nunca ter praticado esporte na sua vida, resolve comprar uma bicicleta, com capacete, luvas de carregar objetos etc. e sai igual a uma árvore de Natal para um passeio que o deixará estafado, tentando provar a si e aos seus vizinhos o grande atleta que é!

O problema é que o Ego não passa de um pálido reflexo do Self. É somente a forma como o Self se expressa na Terra. O Self é a essência do ser, o seu deus interno à espera de ser despertado. Preencher o Ego é o mesmo que tentar encher uma peneira com água. Nunca será suficiente. A egoíatria não passa da Síndrome da Peneira Furada.

O indivíduo ególatra, além de estar mais distante da autêntica expressão do seu Self, possui um ego fráquíssimo, daí a sua compulsão cíclica em se auto-afirmar, que não ocorre de forma natural, mas sim doentia. Realmente, ele nunca está satisfeito, pois, tendo personalidade fraca, a dos outros sempre o incomoda, já que aponta as suas feridas, que são os furos da peneira, por onde a água da maturidade se escoia.

Outros fatores que acompanham o ególatra são o medo de ser desmascarado; a auto-ilusão hipócrita que alimenta os seus devaneios; o profundo incômodo que uma pessoa equilibrada acarreta em sua presença etc.

Como o ególatra normalmente possui uma certa inteligência, costuma aplicar-se em determinado assunto, é por aí que vai dar vazão ao seu objetivo em incomodar os outros e, desta forma, se impor. No exemplo do aluno, ele vai ler tudo sobre um capítulo da matéria para tentar achar algum “furo” no seu professor e, assim, mostrar que “sabe” mais que ele. No caso do ciclista, ele vai infernizar os ouvidos dos outros, discorrendo acerca de todos os aspectos esportivos da bicicleta (técnicas, equipamentos etc.), para mostrar o quanto ele é sábio na escolha do esporte.

Nunca sabe a hora de parar e o fenômeno se torna cíclico. Quando percebe que realmente causou incômodos aos outros, pede desculpas ou vem com a “velha” saída da humildade, mostrando pessoas que sabem mais do que ele ou tentando provar que não sabe tanto assim. Se os outros aceitam os seus argumentos, o ególatra também sai vencedor, porque provou ser superior também na forma de se defender, que é uma manifestação menos óbvia dessa doença. Contudo, se alguém o desmascara ou toca numa ferida sua, perante a qual lhe faltam argumentos e se sente acuado, a sua tendência é se tornar agressivo, numa última tentativa de “calar a boca” do outro ou então se vingar. Essa é a razão, por exemplo, das discussões violentas e irracionais entre os motoristas. Também é o aluno que denigre a imagem de um professor, por este ter mostrado, perante a turma, que aquele ainda tem muito a aprender.

Difícilmente o ególatra consegue mudar a si mesmo, a não ser quando a vida lhe prega alguma e, pela primeira vez, ele encara o aspecto enfermigo do processo inteiro, a estrutura falha e quebradiça onde se encontra.

A Egoíatria não passa de uma síndrome da peneira furada, sombra do verdadeiro Eu, no qual a parte visível (e também ilusória) se manifesta mais viva, posto que imperfeita. A egoíatria não se confunde com o amor-próprio, a auto-estima e o auto-respeito, que são formas sadias do ego. A egoíatria relaciona-se muito com a auto-ilusão e a compulsão, entre outros pecados satânicos.

Numa próxima fase, a egoíatria passará e o euteísmo assentar-se-á mais naturalmente. Aí, então, o homem será uma estrela, sem tentar apagar a dos outros, mas... simplesmente desvelando a sua!

Altruísmo

O altruísmo é a arte requintada de promover o sacrifício alheio, de tempo e dinheiro, em proveito da falsa extinção da miserabilidade humana. Assenta-se num dogma religioso ou numa imposição moral, para

aliciar o incauto que, caso obedeça a tais idéias, será envolvido num vampirismo psíquico; caso não obedeça, fatalmente terá sentimento de culpa e, com isso, sentir-se-á miserável emocional e psiquicamente. É importante entender todo o processo.

O senso comum diz que o altruísta é aquele que, para ser feliz, promove a felicidade do próximo. Contudo, o altruísta é, em primeiro lugar, um egoísta, uma vez que, ao beneficiar terceiros, ele sente prazer com isto. É a busca deste prazer, que o leva compulsivamente a ajudar desconhecidos, que não fazem parte do seu clã particular. Em linhas resumidas: há algo em troca. É de se observar que a maioria destes altruístas pouco ajudam a própria família, uma vez que já estão demasiadamente envolvidos com desconhecidos. Cito, como exemplo, o caso de missionários que abandonam o cônjuge e os filhos para irem a lugares distantes, na crença inabalável de que estão agindo corretamente. Portanto, o altruísta não é apenas um egoísta, mas um imbecil também.

A pessoa que busca se enquadrar num modelo de altruísmo, por questões morais ou religiosas, começa a desenvolver um jogo sutil, que é, inclusive, apontado pela Psicologia. Segundo Jacques Lacan, o altruísmo fere os direitos da pessoa, pois, por detrás da sua aparência filantrópica, há algo mais: “O sentimento altruísta não é válido para nós, que desvendamos a agressividade que subtende a ação do filantropo, do idealista, do pedagogo, e até mesmo do reformador.” É que o altruísta, de modo geral, propõe a obrigatoriedade de terceiros fazerem o mesmo. Lança uma espécie de “corrente da alegria” que vai envolvendo os outros pouco a pouco, numa chantagem emocional, pois usa a coação psicológica para atingir o seu objetivo. Além disso, pleiteiam sempre poder para si, ou para os líderes do grupo. É natural que ameaças religiosas ou o risco de reprovação geral pelos outros membros façam parte deste jogo, caso determinado participante pouco contribua nas obras de caridade. A lógica desta argumentação assenta-se no fato de os maiores filantropos serem apontados como “exemplos” para o resto da comunidade, enquanto torcem o nariz para os que menos contribuem. Aquele que não participa é visto como “agente do mal” e pode mesmo ser prejudicado covardemente pelos demais.

Vou citar um exemplo. L. participava de um almoço de caridade numa ordem iniciática. Trabalhou duro, arrumando todos os preparativos. Quando não precisaram dele, ele foi jogar um pouco de sinuca com alguns amigos. Não passou muito tempo, perceberam que ele não estava participando e logo arrumaram uma tarefa para ele fazer, que podia ser perfeitamente suprida por alguns irmãos de ordem que nada fizeram até o presente momento, pelo simples fato de serem de grau superior. Resignadamente, L. foi ajudar na cozinha, vendendo os tíquetes para a refeição. Por volta das 15h, já com bastante fome, pois chegara ao local às 7, resolveram deixar L. almoçar, então ele pegou o prato e foi saindo para almoçar com a mulher. Um irmão de grau superior virou-se e disse “Não, você vai almoçar comigo.” L. respondeu “Agradeço o seu convite, mas ainda não tive tempo de passar alguns minutos com a minha mulher, portanto vou almoçar com ela”. Virou as costas e saiu deixando o outro aborrecido. Depois, nas outras sessões da ordem, L. passou a ser tratado com indiferença. Então L. passou a não mais freqüentar a ordem, afastando-se definitivamente dela. Os irmãos ainda o incomodaram bastante para que retornasse. Assim é o processo do altruísmo, só funciona quando há um “esparro” na jogada.

Além disso, é curial haver interesses mais concretos, como o auto-enriquecimento, uma vez que inúmeros líderes passam a ter carros importados, casas luxuosas, conta bancária gorda e outras mordomias, inclusive em nível social, pelo status adquirido perante a comunidade. Os membros simplesmente ignoram esta mudança sócio-econômica do líder, pois este costuma ser uma pessoa carismática, com grande poder de influência sobre seus correligionários.

Para se ter mais uma idéia da falácia do altruísmo, vou citar dois casos notórios :

- O Presidente Regan afirmou que a organização governamental HEW (Health, Education & Welfare – Saúde, Educação e Bem-Estar Social) gastava três dólares em despesas burocráticas para fazer chegar um dólar a uma pessoa necessitada.
- Havia no Egito um organismo oficial encarregado de promover o bem-estar do felah, camponês pobre, com um orçamento anual de 800 milhões de libras esterlinas. Ano após ano, a verba era automaticamente renovada até que, um dia, um dos ministros do Presidente Nasser quis saber como eram gastos aqueles milhões. A resposta: 650 milhões iam para os funcionários encarregados de distribuir os restantes 150 milhões. (A revista egípcia Akher Saá)

Podemos resumir o altruísmo nos seguintes fatores:

1. Trata-se de um vampirismo psíquico travestido com o manto da religiosidade ou da moralidade, que usa coação psíquica para atingir os seus fins.
2. Trata-se de um exercício de egolatria bem sutil, uma vez que favorece a ilusão de poder a quem a pratica, forçando os outros a lhe serem servís.

3. Trata-se de uma co-dependência enfermiza, pois só sobrevive à custa de aliciamento de terceiros.
4. Trata-se de uma fórmula para prejudicar e isolar as pessoas que não comungam com os seus pretensos ideais.
5. Trata-se de um método eficaz de enriquecimento rápido à custa dos parvos e manutenção de cargos privilegiados, inclusive na política.
6. Trata-se de um grande engodo, pois apenas pequena parte do que é arrecado chega ao interessado final.

De todo modo, o altruísta é o adepto da cortesia com o chapéu alheio. Se as pessoas observarem os líderes, verão que são os que menos praticam caridade, a não ser quando é interesse de os mesmos se promoverem. Neste caso, é possível observar que a dita “caridade” não saiu diretamente do seu bolso, mas do que foi arrecadado pelos que contribuíram anteriormente. Não se espante, caro leitor, pois esta é a regra geral.

Os altruístas baseiam a sua campanha na luta contra o egoísmo. Para eles, o egoísta não é honesto. Contudo, o egoísta é sempre honesto. Ele pensa primeiro em si, sabe que não adianta despender o seu dinheiro, a sua participação, em função de um engodo. Quando o egoísta sente necessidade de ajudar alguém, ele simplesmente o faz; dificilmente, sairá depois alardeando o feito aos quatro ventos, pois tal atitude é típica do altruísta, como filantropo profissional. Ora, não há nada de errado em querer o próprio bem-estar em primeiro lugar.

Um egoísta também é apontado como criminoso. Não querer colaborar não faz do egoísta um criminoso. Faz do egoísta uma pessoa honesta para consigo mesmo, que não se deixa manipular pela falácia do altruísmo. Não há motivação alguma em ajudar os outros sem recompensa. Quem o faz costuma ter interesses escusos por detrás da capa da honradez. O fato é que o egoísta possui opinião própria, não faz o que não quer, não se deixa levar como carneiro no rebanho. Um criminoso é sempre um egoísta, mas há um fator acrescido a mais: a usurpação do alheio. O egoísta apenas gosta do que possui e o quer preservar. Na verdade, o altruísta está mais próximo de ser um criminoso, já que “força” terceiros a entregarem os seus bens para manter as suas obras de caridade. Esta é a diferença. Nisto se resume a “elegante virtude do altruísmo”. É de Francis Bacon: “Que motivo tenho para irritar-me se um homem se ama a si mesmo mais do que a mim?”

Finalmente, a mendicância é um vício, uma doença e mesmo uma opção de vida. Tanto o Estado quanto organizações não-governamentais tentam retirar os mendigos da rua, mas eles normalmente sempre voltam, pois se habituaram na própria falidez. O mesmo ocorre com quem mora em barracos, quando uma favela é removida: Chega o Município, fornece um apartamento ou casa para a pessoa, e o que acontece? Essa pessoa aluga a casa ou apartamento recebido de graça e passa a morar noutra favela, não só por causa do hábito anterior, mas porque agora possui uma renda a mais. Além disso, na favela, não pagará contas de luz, água, cotas condominiais e outras.

Então, se você não é nenhum salvador do mundo, seja pelo menos o salvador de si próprio, poupando o seu dinheiro, o seu trabalho e o seu tempo para si mesmo e para a sua família e os seus amigos, aqueles que realmente formam o seu clã.

Piedade

A piedade é arte de inferiorizar o ser humano. Os problemas são naturais na vida, nada mais do que um convite à luta para transpor a própria limitação. Viver da caridade alheia não passa de uma vampirização. Todavia, a piedade não se confunde com a ajuda necessária a uma pessoa querida. Também não se confunde com a indulgência, de que LaVey menciona.

O poeta D. H. Lawrence assim se expressa: “Nunca vi um animal sentir pena de si mesmo. O pássaro cai congelado do galho sem nunca ter sentido pena de si mesmo.” A compaixão pelos outros já é perniciosa, por si mesmo é pior ainda. É que a compaixão é um sentimento que nada contribui para ninguém.

De acordo com Nietzsche, “O Cristianismo é chamada a religião da piedade. A piedade se opõe a todas as paixões revigorantes que aumentam a sensação de viver: é deprimente. Por obra da piedade, aquele esgotamento de forças que acarreta o sofrimento é multiplicado mil vezes. A piedade torna o sofrimento contagioso; em certas circunstâncias, pode levar a um total sacrifício da vida e da energia vital.”

A auto-compaixão é combatida por grupos, como os Alcoólicos Anônimos, porque uma pessoa que sente pena de si mesma inferioriza-se e não parte para a luta necessária a acabar com o vício. É um engodo para ficar na mesma situação, aparentemente cômoda, e não empregar os meios necessários a acabar com a

situação deletéria em que se encontra.

Você pode ajudar alguém da sua estima, mas não sinta compaixão por ela, pois estará inferiorizando uma pessoa que não merece tal tratamento. Dê-lhe ânimo, força de vontade, mostre a pessoa o caminho para melhorar a sua qualidade de vida. Aja justamente na direção inversa.

Se você tem compaixão pelo seu inimigo, não possui auto-estima. Vai ajudar a quem não merece nada de você e, depois, ele vai desprezá-lo por ser um idiota. É claro que, se você estiver envolvido numa estratégia em que precisa convertê-lo num amigo, então tudo muda de figura. Neste caso, não é compaixão, e sim um artifício empregado para alcançar a meta desejada.

Quanto à auto-compaixão, lembre-se de que você é um ser cheio de possibilidades e este sentimento não leva à nada, a não ser se manter num patamar inferior ao das demais pessoas. Os problemas, as crises, são salutares, uma vida sem problemas seria insípida. Observe e analise o problema, seja criativo e produtivo!

Uma crise anda de mãos dadas com uma grande oportunidade. É capaz de promover, às vezes, até uma mudança radical na sua vida. Não tema o novo. Tema, sim, padrões mortos e obsoletos, a mesmice que nada lhe acrescenta. Fala a sabedoria oriental que Se o destino te lança uma faca, há duas maneiras de apanhá-la: pela lâmina ou pelo cabo. Apanhe-a sempre pelo cabo.

Conta I. Asimov que Frederico, o Grande, rei da Prússia, inspecionou um dia a prisão de Berlim. Os prisioneiros caíram de joelhos diante dele, cada um afirmando a sua inocência. Um só homem permaneceu afastado e silencioso. Frederico chamou-o.

- Ei, você, por que está aqui?
- Por roubo à mão armada, Majestade.
- É inocente ou culpado?
- Culpado, Majestade. Mereço meu castigo.

Frederico chamou o guarda.

- Guarda, liberte este canalha de criminoso imediatamente. Não permitirei que ele permaneça aqui a corromper toda esta gente boa e inocente.

A auto-compaixão é a grande aliada do embuste e sempre alimenta a auto-ilusão. Se você errou, é natural que reconheça o seu erro e não o cometa de novo. Por que esconder algo que lhe serviu de uma grande lição? Contudo, a sociedade desaprova de modo geral o reconhecimento do erro como demonstração de fraqueza. Então ninguém sai por aí apontando os seus próprios defeitos, basta o reconhecimento sincero diante de si mesmo. A sinceridade do prisioneiro diante do monarca partiu, na verdade, desse reconhecimento. Ele sabia que era inútil mentir, seria apenas uma demonstração de fraqueza. Já dizia Nietzsche – “Todos os valores nos quais a humanidade coloca as suas mais altas aspirações são valores de decadência.”

Mediocridade

O que é uma pessoa medíocre? É uma pessoa vulgar, que não possui valor algum, que finca suas raízes na mesmice. Trata-se do culto ao homem comum. A pessoa luta para conseguir um status, como um emprego razoável, e depois se acomoda, transforma a sua vida numa rotina e começa a morrer aos poucos de inanição psíquica.

A mediocridade não rola apenas individualmente, mas contagia a sociedade por inteiro. Para ser sincero, ela é cultivada pela religião, pela cultura, pela política e pela família, que é o núcleo social básico.

Ontem, assistindo à reportagem na televisão, verifiquei que prenderam uma mulher, e o marido que tentou defendê-la, pelo simples fato de que ela praticava top less numa praia carioca. Confesso que não sei quem foi o idiota que mandou vários policiais à praia, com este objetivo, num sábado, quando a operação seria melhor direcionada aos ladrões que assediam os banhistas. Confesso que não entendo como ainda é ato ilícito a mulher mostrar os seios ou porque é necessário um local restrito, um clube de nudismo, para o exercício desta prática, ainda porque os seios não são órgãos sexuais, mas sim glândulas mamárias. Tal atitude não passa de uma moralidade pútrida e revela a mediocridade na sociedade humana. Deveria ser lícito a qualquer um mostrar o seu corpo por inteiro. É assim que viemos ao mundo: nus.

A presença de um religioso fanático sempre causa mal-estar e repugnância, pois ele é o medíocre por completo. Após decorar várias passagens bíblicas, chega a um local como o Salvador do Mundo, prega amor universal, recita trechos bíblicos e, quando percebe que várias pessoas se cansaram de lhe dar atenção, começa a ameaçar a danação eterna, avisando que ainda há tempo para se salvar. O papai aqui

então sempre pergunta se Deus ama a todos, sem restrições. É óbvio que o crente responde que sim. Então, eu digo que ele ama também Satan. Aí o crente se perde, porque, se Deus deixa de amar apenas um ser, então o seu amor não é universal. Não precisava tanto, porque o fato de existir um Inferno, já demonstra, por si, que esse amor universal é uma falácia, uma mentira descarada, que só a cegueira acoberta. Isto é o que eu chamo de mediocridade: a pessoa se torna incapaz de desenvolver o mais simples raciocínio. A pessoa tornou-se completamente cega pela fé.

David J. Schwartz conta a história de um grande subúrbio de classe média em São Francisco, onde havia diversas casas absolutamente idênticas, com uma árvore plantada exatamente num dado lugar do jardim. As famílias deste bairro reuniram-se numa associação, para, entre outras coisas, impedir que se fosse plantada uma segunda árvore em qualquer jardim, ou criar um estilo diferente de casa. Aconteceu de uma pessoa resolver plantar hera no jardim e, nem bem concluiu o trabalho, a associação moveu uma ação forçando-a a se enquadrar no modelo anterior. Isto se chama conformismo, que é uma das formas de cultivar a mediocridade. De fato, o conformismo incentiva o “copismo”, e não a criatividade. Já dizia Albert Guérard que “unanimidade e estagnação são dois nomes para uma só doença: a arteriosclerose da sociedade”.

A mediocridade deve ser combatida pela excelência, pelo inconformismo, pela profunda reflexão, pela dúvida e, principalmente pelo cultivo do amor-próprio, sem o qual a pessoa afunda-se num mar de lama literalmente considerado. A aceitação passiva da própria situação deve ser totalmente descartada. A ambição é a palavra chave.

O homem superior desenvolve um estilo único, inconfundível. Ele possui uma sabedoria que o torna vencedor na maioria das situações. Quando erra ou fracassa, não dá as costas a si mesmo. Se percebe que o objetivo era errado, muda de objetivo; se não é o caso, busca novos meios para sair vencedor; nunca pára. A vontade é inquebrantável, pois representa o melhor de si, o Self.

Tal pessoa contagia a todos ao seu redor. Nunca ninguém fica indiferente à sua presença: ou se tornam amigos, ou inimigos. Ele é extremamente vivo. A vida é o seu bem mais precioso, e a intensifica em todos os níveis, não só no físico, mas no mental e emocional. É envolvente, mas sabe ser discreto, quando necessário. Todos os atos são refletidos. A meta é auto-superar-se.